



Portugal tecnológico sem recursos tecnológicos

Publicado em 2026-04-04 21:03:05



BOX DE FACTOS

- Portugal enfrenta dificuldades persistentes na adopção empresarial de IA, apesar de boas infra-estruturas digitais.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- As competências digitais de base continuam trageis e limitam a difusão real da transformação digital.
- A Administração Pública debate-se com dificuldades em atrair e reter perfis técnicos de elevado valor.
- A escassez de talento não se resolve com conferências, slogans ou messianismos tecnológicos: resolve-se com ecossistema, exigência, remuneração e visão de longo prazo.

Portugal tecnológico sem recursos tecnológicos

Portugal gosta de falar da inteligência artificial como quem fala de um comboio moderno numa estação abandonada: admira o ruído, celebra a velocidade, mas esquece-se de reparar os carris.

Há textos que começam por descrever um problema real e acabam por tropeçar na caricatura. É o caso desta ideia repetida até à náusea: Portugal não acelera na inteligência

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Stanford, um demiurgo do código ou um evangelista de palco. Tornam-se tecnologicamente sólidos quando constroem um tecido espesso de competências, empresas, laboratórios, incentivos, salários, exigência técnica e ambição institucional.

O verdadeiro drama português não é a falta de prodígios. É a falta de densidade. Falta-nos massa crítica. Falta-nos continuidade. Falta-nos um ambiente onde o talento não seja uma exceção heróica, mas uma consequência natural. E isso é mais grave, porque não se resolve com um “summit”, com uma incubadora em papel couché ou com mais uma sessão de auto-elogio patrocinado.

Infra-estrutura não é destino

A retórica dominante gosta de repetir que Portugal está bem preparado digitalmente. E há, de facto, alguns indicadores que permitem esse optimismo prudente: redes robustas, progresso em certos serviços públicos digitais, capacidade de conectividade superior à de muitos outros tempos nacionais. Mas a Comissão Europeia lembra uma verdade menos confortável: Portugal continua a enfrentar dificuldades na adopção de IA pelas empresas e mantém fragilidades na formação de competências digitais de base. Em linguagem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pode ter fibra óptica, centros de dados, aplicações vistosas e portais com ar nórdico, e ainda assim permanecer intelectualmente subequipado para uma economia movida por dados, automação e decisão algorítmica. O brilho da interface não apaga a pobreza estrutural do motor.

A escassez não está apenas no topo: está na base

O dado mais importante talvez seja este: a discussão pública tende a exagerar a ausência de “estrelas” e a minimizar a fragilidade da base. Segundo dados europeus recentes, os especialistas TIC representam 5,2% do emprego em Portugal, ligeiramente acima da média da União Europeia. À primeira vista, parece um número animador. Mas não deve ser lido como certificado de maturidade. Deve ser lido com cautela. Primeiro, porque 5,2% continua a ser um universo limitado para a escala dos desafios. Segundo, porque a transformação digital de um país não depende apenas dos especialistas TIC em sentido estrito: depende também de gestores, técnicos intermédios, decisores públicos, juristas, operacionais e equipas sectoriais capazes de compreender, absorver, supervisionar e aplicar tecnologia com rigor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

insuficiente de utilizadores avançados no meio, e demasiada gente na base ainda sem cultura digital robusta. É um país que quer falar de hiperautomação enquanto uma parte significativa da sua estrutura humana ainda luta com procedimentos elementares, interoperabilidade deficiente, sistemas desarticulados e literacia funcional hesitante.

A Administração Pública: modernização sem músculo

A Administração Pública portuguesa é talvez o espelho mais cruel desta contradição. O discurso oficial fala de modernização, simplificação, inteligência nos serviços ao cidadão, interoperabilidade e eficiência. Mas a realidade esbarra num obstáculo decisivo: o Estado tem enorme dificuldade em atrair e fixar perfis técnicos de elevado valor. Não apenas por causa da escassez de mercado, mas também por causa da natureza dos projectos, da rigidez dos processos de contratação, da cultura organizacional e, sobretudo, da falta de competitividade salarial.

A OCDE foi clara ao sublinhar que a adopção séria de IA no sector público exige capacidade interna. Não basta contratar fornecedores, montar pilotos ou importar ferramentas. É necessário ter dentro da máquina pública

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

reduzido a consumidor dependente de soluções externas que não compreende inteiramente.

E quando isso acontece, a modernização degrada-se numa espécie de teatro administrativo: portais mais bonitos, vocabulário mais anglo-saxónico, apresentações mais luminosas, mas a mesma impotência funcional por detrás da cortina.

No privado há mais agilidade, mas não há milagre

Nos sectores da energia, banca, telecomunicações ou serviços tecnológicos, a situação é menos engessada, mas não deixa de ser problemática. As empresas conseguem mover-se com mais rapidez, formar internamente, contratar fora, reorganizar equipas, criar academias e tentar capturar talento. Mesmo assim, a escassez é severa. Um dado da ManpowerGroup para 2025 indica que 84% dos empregadores em Portugal têm dificuldade em encontrar o talento de que necessitam. Não é uma oscilação estatística. É uma ferida aberta.

Outro relatório da OCDE mostra que Portugal enfrenta uma escassez particularmente intensa em profissões TIC: em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pode resumir-se a “capacitação interna”, como tantas vezes se repete em tom litúrgico. Capacitar é indispensável, claro. Mas formar internamente sem ecossistema, sem retenção, sem remuneração adequada e sem trajecto profissional atractivo é muitas vezes apenas adiar a próxima fuga de talento.

A mitologia do génio providencial

A comparação com Sam Altman, frequentemente usada como metáfora daquilo que “nos falta”, é reveladora de uma mentalidade errada. O problema português não é não ter produzido um nome com projecção planetária. O problema é mais fundo e menos glamoroso: não ter criado, durante décadas, condições para multiplicar centenas ou milhares de perfis competentes, bem treinados, bem pagos, tecnicamente exigentes e culturalmente respeitados.

Um país que espera ser salvo por uma figura providencial já começou por abdicar de pensar estruturalmente. É a velha doença nacional: substituir política pública por desejo, planeamento por narrativa, investimento contínuo por esperança messiânica. Em vez de construir um ecossistema, espera-se um milagre. Em vez de alimentar gerações de engenheiros, investigadores, matemáticos aplicados,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas a história da tecnologia nunca foi uma história de santos laicos. Foi sempre uma história de redes, instituições, capital, cultura de risco, exigência educacional e persistência. O génio isolado pode acender a faísca; só um sistema sólido sustenta o incêndio criador.

Portugal quer a IA, mas ainda não quer pagar o preço civilizacional da competência

É aqui que a crítica se torna menos técnica e mais incómoda. Portugal deseja os frutos da modernidade digital, mas continua a mostrar uma ambivalência quase crónica em relação ao custo real da competência. Quer inovação, mas paga mal. Quer transformação, mas tolera burocracia absurda. Quer talento, mas oferece trajectos curtos, carreiras opacas e demasiado amparo ao medíocre bem instalado. Quer digitalização, mas confunde frequentemente tecnologia com cosmética institucional.

O problema português da IA não é apenas económico. É civilizacional. É a dificuldade em reconhecer valor técnico antes do desastre, em premiar mérito sem suspeição, em dar poder a quem sabe, em retirar espaço a quem apenas ocupa cadeira. A inteligência artificial expõe tudo isto de forma cruel, porque é uma tecnologia que não perdoa folclore

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Sem massa crítica, a transformação vira encenação

A União Europeia fixou para 2030 a meta de 75% das empresas utilizarem serviços de cloud, big data e/ou inteligência artificial. A meta é ambiciosa, e precisamente por isso útil: obriga a medir a distância entre o discurso e a realidade. Portugal poderá aproximar-se desses objectivos? Poderá. Mas só se abandonar o hábito de tratar a tecnologia como adereço de competitividade e passar a tratá-la como política de Estado e política empresarial séria.

Isso implica reformas menos fotogénicas e mais profundas: educação técnica exigente desde cedo, reforço das vias científicas e computacionais, maior ligação entre universidades e tecido produtivo, remunerações compatíveis com o valor criado, carreiras públicas especializadas, contratação mais ágil, liderança menos amadora e uma cultura nacional menos hostil ao mérito raro.

Sem isso, a “transformação digital” continuará a ser muitas vezes o nome elegante de uma velha tragédia portuguesa: muita apresentação, pouco músculo; muita

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal não precisa de sonhar em produzir um Sam Altman. Precisa de produzir milhares de profissionais altamente competentes, num ambiente onde o talento não seja um acidente estatístico nem uma ave migratória. Precisa de passar da exceção para a densidade, do improvisado para a continuidade, da retórica para a capacidade.

Porque um país só entra verdadeiramente no século da inteligência artificial quando deixa de mendigar prodígios e começa, finalmente, a construir civilização técnica.

Referências

Comissão Europeia — Portugal 2025 Digital Decade Country Report

<https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/factpages/portugal-2025-digital-decade-country-report>

Digital Skills and Jobs Platform / União Europeia — Portugal

<https://digital-skills-jobs.europa.eu/en/european-interactive-map/portugal>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Eurostat — Towards Digital Decade targets for Europe

https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Towards_Digital_Decade_targets_for_Europe

OCDE — Building an AI-ready public workforce
https://www.oecd.org/en/publications/building-an-ai-ready-public-workforce_b89244c7-en/full-report.html

OCDE — Job Creation and Local Economic Development 2024: Country Notes Portugal
https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2024/11/job-creation-and-local-economic-development-2024-country-notes_65d489c5/portugal_66c49f31/a3e55c7a-en.pdf

ManpowerGroup — Talent Shortage 2025, Portugal
<https://www.manpowergroup.pt/talent-shortage-2025>

Frase a reter : Portugal não está bloqueado pela falta de um génio; está travado pela abundância de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Por **Francisco Gonçalves** e **Augustus Veritas**

Publicado em Fragmentos do Caos — crónica editorial sobre tecnologia, talento e o abismo entre retórica digital e soberania técnica.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)